

XV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA

26 a 29 de julho de 2011

Curitiba (PR)

Grupo de Trabalho 21: Segregação social, políticas públicas e direitos humanos.

Coordenadores: Luiz Antonio Machado da Silva (UERJ) e Pedro Rodolfo Bodê de Moraes (UFPR)

Sessão 1 – Práticas e Discursos de Segregação

Comunicação: REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA URBANA E SEGREGAÇÃO
SOCIOESPACIAL NA CIDADE DE GOIÂNIA

Autora: Dalva Borges de Souza

Universidade Federal de Goiás (UFG)

REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA URBANA E SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL NA CIDADE DE GOIÂNIA

Dalva Borges de Souza

1. Introdução

Este texto apresenta resultados de uma pesquisa realizada em um conjunto de bairros da região leste de Goiânia. A pesquisa teve por objetivo compreender a vivência dos moradores desses espaços selecionados em suas formas de sociabilidade, estilos de vida, mobilidade sócio-espacial, conflitos, formas de solução de conflitos, práticas culturais e associativas e as representações que constroem da violência urbana e se essas representações movem práticas de segregação sócio-espacial. Embora seja um conjunto de bairros contíguos, é possível considerá-lo como dois espaços sociais: um produto da ocupação legal e outro irregular, uma posse urbana. Interessou a esta pesquisa a idéia de vizinhança, no sentido de sentimentos e de uma moral compartilhada (Park, 1915), que se opõem a outros sentimentos e a outro tipo de padrão cognitivo e moral de outras vizinhanças e os estigmas produzidos nessas relações. Norbert Elias (2000) e Pierre Bourdieu (1996) iluminaram a pesquisa ao chamarem a atenção para a perspectiva relacional e para o estigma de grupo produzido nessas relações.

Quando o trabalho de campo se iniciou, sabia-se que a poder público municipal estava fazendo a remoção de algumas famílias do bairro ilegal. Entretanto, no decorrer da investigação, constatou-se que o bairro seria completamente extirpado. Além de manter os objetivos propostos, a pesquisa acompanhou os sujeitos no processo de remoção e de adaptação no novo setor de moradia.

2. A região pesquisada.

Segundo o IBGE, os setores censitários Leste Vila Nova/Bairro Feliz tinham em 2000 uma população de 24.975 habitantes. A região foi selecionada

removido 200 famílias quando se iniciou a pesquisa de campo que pôde acompanhar outras etapas da remoção.

A pesquisa consistiu em entrevistas com moradores desses bairros, observação realizada nas ruas, em espaços de sociabilidade, no comércio local e foram também fotografadas ruas e casas.

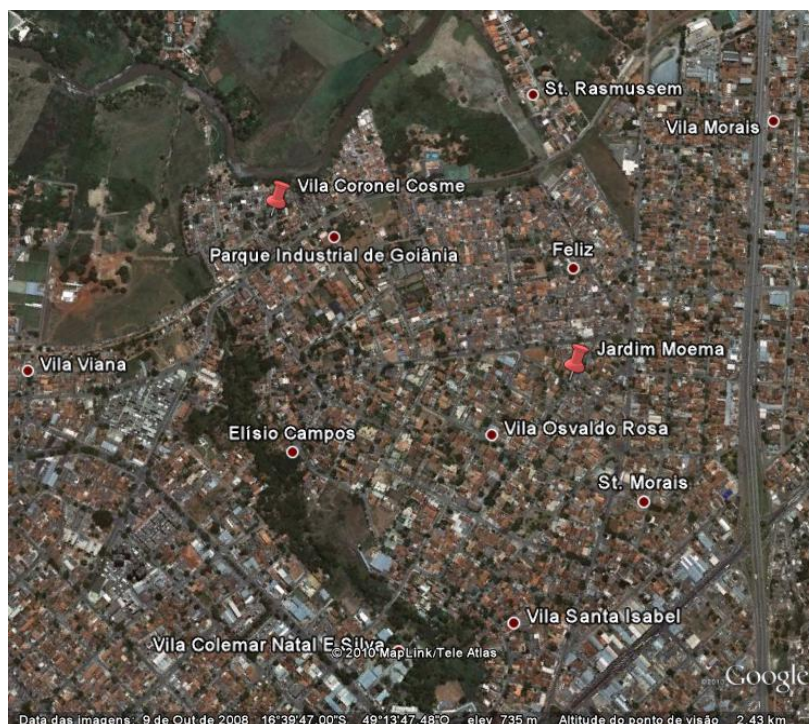


Figura 2 - Localização dos bairros pesquisados - Google Maps

Tabela 1 - População dos Bairros em 2000

Bairro	População em 2000
Vila Moraes	3.479
Setor Moraes	2.714
Bairro Feliz	1.818
Vila Viana	1.744
Vila Santa Isabel	477
Vila Osvaldo Rosa	382
Jardim Moema	-
Vila Coronel Cosme	1.534
Total	10.614

Fonte: SEPLAM-Prefeitura de Goiânia com dados IBGE 2000.

3. Caracterização dos bairros: a hierarquia sócio-espacial

Difícil separar um bairro do outro – à exceção do espaço segregado – pois vários terrenos foram desmembrados quando da aprovação de novos loteamentos. Há casos em que os moradores não conseguem precisar em qual bairro se localiza a sua residência, já que o endereço na sua conta de energia elétrica os registra como moradores da Vila Osvaldo Rosa e o da conta de água na Vila Santa Isabel. A Associação dos Moradores do Bairro Feliz está localizada no Jardim Moema e é freqüentada pelos habitantes dos outros bairros, mas não pelos moradores do Bairro Feliz. O mesmo ocorre com uma Casa de Idosos, onde, às sextas-feiras e aos domingos é realizado um forró que atrai, além dos idosos dos bairros contíguos ao Bairro Feliz, pessoas de bairros distantes, enquanto que os idosos do Bairro Feliz não freqüentam o local “por ser muito misturado”, segundo um morador deste bairro. O que mostra que o distanciamento não é decorrente apenas na fragmentação urbana, mas, principalmente, da busca de distinção (Bourdieu, 2007).

O Bairro Feliz foi formado em 1968 a partir da iniciativa de uma cooperativa de jornalistas que pretendia ali estabelecer uma comunidade. Passados 42 anos, o bairro cresceu em população e é habitado por uma camada média escolarizada, com concentração de profissionais autônomos de nível superior, profissionais empregados de nível superior, ocupações de escritório e ocupações técnicas e trabalhadores do comércio¹.

Há na região uma diferenciação social que pôde ser observada pela qualidade de casas, grau de urbanização, concentração de equipamentos públicos, bem como pelas entrevistas com moradores:

O comportamento muda. A classe muda o comportamento. A parte de cima (Jardim Moema e Bairro Feliz) é onde se encontram os tipos mais altos. Há casas com quatro ou cinco carros, o modo de vestir é diferente e o lazer é nos bairros mais nobres, Marista, Bueno. Há um pouco de “metidez”. Já os do Coronel Cosme não se misturam. (Plínio, morador do Bairro Feliz).

¹ Densidade relativa, conforme tipologia estabelecida pelo Observatório das Metrópoles, com base na CBO-IBGE -2000.

Bairro Feliz e Jardim Moema podem ser classificados como os bairros de habitação das pessoas de classe média, embora não tanto quanto os setores ditos “nobres” de Goiânia. A aparência das casas do primeiro é mais modesta do que a do segundo, pois é de formação mais antiga, os lotes são menores e a necessidade de distinção que se verifica hoje era menor nos anos de 1960. Já o Jardim Moema tem sobrados enormes, as casas são mais luxuosas. É evidente a preocupação com segurança, pois nos dois bairros as casas são cercadas por muros altos, grades e cercas elétricas. Ao percorrer as ruas do Bairro Feliz e do Jardim Moema, nota-se o isolamento e a autoproteção dos seus moradores. Não se vêem pessoas nas ruas, a não ser no comércio local que não é muito diversificado e se concentra em apenas duas ruas. Segundo informações dos moradores, eles preferem se dirigir ao centro da cidade e, principalmente, aos shoppings centers para as compras e lazer.



Figura 3 - Casas protegidas no Bairro Feliz

Vila Santa Isabel, Vila Oswaldo Rosa, Setor Moraes e Vila Moraes guardam características semelhantes entre si. Seus habitantes constituem uma pequena burguesia e são menos abastados do que os dos dois bairros anteriormente citados. Já a Vila Viana conta com habitações mais pobres. Ali houve uma ocupação irregular ao longo dos trilhos quando da desativação da

ferrovia. A Vila Viana abriga um grande pastifício que, como também foi edificado em área pública, deverá ser desapropriado e já tem planos para se instalar em Aparecida de Goiânia, cidade conurbada à capital. Metalúrgicas antes instaladas no bairro também migraram para um outro município da Região Metropolitana e os ocupantes da Favela do Trilho foram já removidos.

A Vila Coronel Cosme, que faz divisa com o Bairro Feliz, é também uma ocupação ilegal iniciada nas margens dos trilhos da estrada de ferro e que foi se estendendo ao longo dos anos em direção ao Rio Meia-Ponte, constituindo uma área de risco ambiental onde algumas poucas famílias sofriam com a inundação das suas casas. Os primeiros moradores eram migrantes da zona rural, expulsos do campo, que se dirigiram a Goiânia na década de 1970 e encontraram emprego em uma metalúrgica, a Indústria Macife Metalúrgica, não mais existente, localizada perto da estrada de ferro. Sem alternativas de moradia, decidiram, coletivamente, invadir o local² que era composto por chácaras de recreio.



Figura 4 - Vila Coronel Cosme

² Cf.: BATISTA, Elizabeth dos Santos Moura. A Vila Coronel Cosme na Ótica dos seus Idosos. Goiânia: Fragmentos de Cultura, Ed. UCG, v. 17, n. 7/8, p. 709-726, jul./ago. 2007.

O setor não possui qualquer tipo de equipamento público, como posto de saúde, escola ou posto policial. Conta com energia elétrica e água encanada, mas o esgoto é despejado no Rio Meia-Ponte, manancial que abastece de água a cidade de Goiânia. As crianças freqüentam a escola municipal localizada no Bairro Feliz. Se em 2000 a população era de 1.534 habitantes, em 2009 a Secretaria Estadual de Planejamento a estipulou em 608 habitantes.

Percebe-se, claramente, mesmo com a diferenciação socioespacial já mencionada entre os primeiros bairros, que seus moradores estigmatizam a Vila Coronel Cosme. Lá é invasão, local de tráfico de drogas, de pessoas estranhas, assaltantes e baderneiros.

Dentro da própria Vila Coronel Cosme há uma diferenciação, talvez uma hierarquia, cujas referências são espaciais e temporais. Os moradores do Bairro Feliz e dos demais bairros referem-se ao Coronel Cosme como “Vilinha”, lugar perigoso e denunciam, além desse, um outro lugar perigoso no bairro como sendo “Os Sem-Terra”. Já os moradores da Vila Coronel Cosme, na construção simbólica da dimensão espacial, esclarecem que Vilinha é a ocupação próxima ao rio, a área de risco ambiental, onde as remoções foram feitas pela Prefeitura de Goiânia, e onde estão localizadas as bocas, “agora não é mais boca de fumo, é boca de pedra”, afirma Arnaldo, um morador “Os Sem-Terra” seriam ocupantes mais recentes da linha do trilho, na direção oposta à da “Vilinha”. O que eles, moradores, denominam Vila Coronel Cosme é a ocupação mais antiga, que se prolonga pelas duas margens dos trilhos. Tal como em Winston Parva (Elias & Scotson, 2000), a antiguidade no lugar é também demarcadora de diferenças, bem como a maior vulnerabilidade social simbolizada pela margem do rio.

Na dimensão temporal, dão razão aos de fora e remetem os problemas a um antes, há uns quinze anos, quando admitem que a violência grassasse no lugar, com a presença de gangues e de tráfico pesado. Arnaldo representa bem a diferenciação temporal:

Antigamente tinha mais rixa entre o Bairro Feliz e a Vilinha. Tinha rixa: Daqui os “vilenos” e de lá os “ursinhos carinhosos”. Gangues de adolescentes. Tinha briga, teve morte. Há uns quinze anos. [...] Agora acabou a rivalidade. Uma que o pessoal

de antigamente que era mala morreu matado ou está na cadeia. Antigamente aqui tinha uma gangue, vou falar, bem fodida, sabe? Hoje não, eles têm ponto de droga tem uma boca de..., hoje não é de fumo mais não, é de pedra. Só que acabou, saiu todo mundo se tiver é dois, três que vende esses trem. O pessoal daqui não usa, eles vendem, é o pessoal de fora que vem comprar, é cada carro que passa aqui: vêm do centro, lá para cima.

Outros moradores também consideram a dimensão temporal, afirmando que no passado o tráfico era mais pesado, porém atribuem a violência à interferência do poder público, à remoção, que retirou os vizinhos próximos, que mantinham relações de solidariedade e atraiu pessoas de fora para a área.

Em 2001 a Prefeitura de Goiânia realizou um cadastramento da “Vilinha”, denominando-a Vila Coronel Cosme II. Foram cadastradas 147 famílias. Na tabela abaixo é possível perceber que a renda familiar dos moradores é baixa, situando-se a maioria na faixa de até dois salários mínimos da época.

Tabela 2. Renda familiar dos moradores da Vila Coronel Cosme II em 2001

Renda familiar em 2001	Número de Famílias
Não declarou renda	20
Abaixo de R\$ 180,00	5
R\$ 180,00	20
R\$ 181,00 a 359,00	53
R\$ 360,00 a 539,00	32
R\$ 540,00 e mais	17

Fonte dos dados: Secretaria Municipal de Obras – SMO - COMOB – GERÊNCIA SOCIAL – PREFEITURA DE GOIÂNIA.

Um pouco poucas famílias instalaram-se na “Vilinha” na década de 1970, mas a maioria ocupou a área no final da década de 1990 e em 2000 e 2001.

4. Insegurança, segregação e representação da violência: linhas que segregam.

Cidade planejada, modernista, Goiânia é construída sob a égide do Estado autoritário, produto da Revolução de 1930, que mantém o controle do seu plano original até 1950 (Bernardes, 1998, Pastore, 1984), quando o capital imobiliário passa a desordenar o traçado da cidade. Esse processo se aprofunda a partir da década de 1970, criando bolsões de miséria e espaços

segregados. Moysés (2004) reconhece Goiânia como uma cidade fragmentada entre a cidade legal das construções regulares e a ilegal, apropriada pelos pobres que constituem, à margem da lei, seus espaços possíveis de moradia mediante a posse, muitas vezes em conflito aberto com o Estado.

A apropriação da Goiânia pelo capital imobiliário ocorre ao mesmo tempo em que há grandes deslocamentos de população do campo para a cidade provocando um crescimento urbano que se deu sem industrialização e, portanto, sem oferta adequada de emprego, fazendo com que aos imigrantes se destine não só a moradia precária, como trabalhos igualmente precários no setor informal da economia.

Essa divisão a cidade é agravada, em anos recentes, pela percepção do aumento da criminalidade e pelo desenvolvimento de um difuso sentimento de insegurança que faz com que os habitantes da cidade legal criminalizem os habitantes da cidade ilegal.

Há na fala dos entrevistados uma ambigüidade que revela a classificação do lugar. Morar no Bairro Feliz, no Setor Moraes, na Vila Osvaldo Rosa é bom porque o lugar é tranquilo, calmo, sossegado. Entretanto, é inseguro devido à proximidade da “Vilinha” e dos “Sem Terra”.

“O meu bairro é tranquilo e calmo [...] a diferença maior é com a Vilinha, onde estão fazendo as remoções. Ali é um local perigoso, tem muito marginal, muito tráfico de drogas, tanto que a gente evita entrar lá. É um local à parte, há até uma rua que separa. Aquela rua é como se fosse a favela do Rio de Janeiro. ninguém entra, ninguém passa para lá. As pessoas não entram é por medo mesmo.” (Márcia, Vila Osvaldo Rosa)

A rua citada pela entrevistada é considerada por todos como o marco delimitador do perigo. Os próprios taxistas quando conduzem pessoas à Vila Coronel Cosme perguntam: “vai ficar na linha?”. O vocábulo linha abrange os trilhos da estrada-de-ferro, mas também uma linha imaginária que separa os bons dos maus. Aqueles com quem se pode conviver, a quem se presta solidariedade e os outros, os que estão além da linha que os segrega.

Márcia, moradora da Vila Osvaldo Rosa, nunca foi à “Vilinha”, porém está certa de que vêm de lá todos os perigos que rondam o seu setor: “Eu nunca fui lá e não conheço ninguém de lá. [...] Aqui, como a iluminação é

pouca, à noite tem muito bandidinho roubando celular, bolsas. É gente de lá. O que entrou na minha mãe é de lá. Levou as jóias, mas acaba que a policia não pega”.

O morador do Bairro Feliz, Plínio, considera o seu bairro muito bom, tranqüilo, mas manifesta preocupação com a segurança. Ele o considera mais inseguro do que outros bairros de Goiânia “porque tem um bairro lá embaixo, chamado Vilinha. Lá tem muita maconha, muitas drogas. Tem tráfico grande. As pessoas de lá é que fazem assaltos aqui.” Plínio que é dono de uma prestadora de serviços, já foi assaltado várias vezes e em uma delas levou um tiro no ombro. A polícia nunca conseguiu prender ninguém, mas ele está certo de que os assaltantes são de lá. Apesar do sentimento de insegurança, resolveu um dia atravessar a linha:

“Eu nunca tinha ido lá. Tinha receio, pois todos falam que é perigoso. Uma vez chamei minha mulher para ir lá. Cruzamos a linha e entramos. Estávamos caminhando em uma daquelas ruínas de lá, de repente, começou a subir uma coisa assim no meu rosto, meu coração ficou batendo depressa. E com a minha mulher a mesma coisa. Subia uma coisa assim. Em mim e na minha mulher. E não tinha acontecido nada. Saímos depressa de lá.”

O sentimento de insegurança de Plínio, de ordem mais cognitiva, alimentado pelas notícias do bairro como local de tráfico, de estrutura urbana degradada, da pobreza dos seus moradores, tudo a indicar ser ali um lugar perigoso, quando ele “atravessa a linha”, transmuda-se no medo, provocando-lhe alterações neurofisiológicas.

Carlos, morador do Setor Moraes foi o único isentou os moradores da Vila Coronel Cosme de atos violentos, ainda que admita a presença no tráfico. Sobre o seu bairro, afirma: “É bom morar aqui (no Setor Moraes), é tranqüilo, tirando os bandidos. O melhor do bairro é o sossego”. Para Carlos, os bandidos vêm dos bairros mais distantes, além da rodovia BR-153.

Os moradores da Vila Coronel Cosme percebem a segregação, como se manifestou Kátia: “Eu vejo falar que o pessoal do Bairro Feliz tem medo do povo daqui, agora porque eu não sei. Às vezes porque aqui o pessoal é mais carente, abaixo do nível na sociedade do que eles”. Arnaldo, também morador

da Coronel Cosme, complementa: “O pessoal do Bairro Feliz não vem aqui não, eles passam no máximo de carro naquela avenida lá (a da linha imaginária). Nem no supermercado eles vêm com medo de ser roubado. Discriminam demais”.

Kátia reforça a idéia de segregação: “Por exemplo, aqui não desce taxi depois das 10, se você passar mal tem que acordar um vizinho porque não desce, não desce taxi, motoboy, SAMU, alguns taxistas ainda vêm, mas tem taxista que fala que a própria polícia que falou para eles não descem aqui.”

Conseguir trabalho no Bairro Feliz é muito difícil para os moradores da Vila Coronel Cosme. Arnaldo, que teve sorte em encontrar trabalho em um bar, confirma: “Chega no Bairro Feliz e diz que você mora na Vilinha para você vê. Te olham assim. Inclusive eu colocava que morava na Vila Nova, colocava o endereço do meu irmão quando procurava trabalho aqui”.

5. Segregação, violência e solidariedade na vizinhança.

Se para os as pessoas dos bairros vizinhos, alimentadas pela representação da violência urbana, a Vila Coronel Cosme deve mesmo ser segregada, pois é lá que se encontram os marginais, traficantes de drogas e assaltantes, os moradores desenvolvem uma outra representação e são enfáticos em dizer que não há violência por lá e consideram que desenvolveram formas de solidariedade que garantem a autoproteção.

“Aqui não tem assalto, não saio de noite à rua porque sou medrosa. Já a mãe abre o comércio (uma pequena mercearia bem próxima da linha) às quatro horas da manhã e fica sozinha, e nunca foi assaltada”. [...] Aqui mexeu com um, todo mundo se sensibiliza. Tem gente que tem medo de descer aqui. A partir do momento que eu saio daqui para ir para lá eu tenho medo. Eu se eu vou numa pizzaria lá eu tenho medo, mas daqui para baixo, não. (Kátia, Coronel Cosme)

A moradora dá dois exemplos de ajuda mútua. De quando a filha esteve doente à noite e depois de chamar um taxi por seis vezes e não ser atendida acordou o vizinho para levá-la ao Centro Integral de Apoio à Saúde. E outro, quando uma mulher entrou em trabalho de parto e estava com a pressão alta,

os moradores chamaram o SAMU, o Corpo de Bombeiros e a Polícia Militar e não foram atendidos porque os agentes públicos sabiam que ela “mexia com droga”. Os vizinhos se cotizaram para pagar o taxi e levar a mulher ao hospital.

Arnaldo também não vê o bairro como violento, considera que quando acontece algum crime em bairros próximos, a imprensa divulga que foi na Vila Coronel Cosme e confirma a solidariedade interna e indica que os moradores não se subordinam aos criminosos:

Os moradores daqui são todos... A minha casa dorme de portas abertas, nunca foi assaltada. Os que tem aqui que roubam, eles não roubam aqui. Eles roubam lá para cima, Bairro Feliz, Vila Nova. Se roubar aqui também o pessoal junta tudo e dá uma lição. Hoje eu não ando sozinho à noite não é com medo do pessoal daqui, é com medo da policia, pois a gente não tem escrito na testa quem a gente é.

Se existem formas de solidariedade, não há, porém, instituições de resistência ou de autopromoção desenvolvidas localmente. Há uma associação de moradores no bairro que não tem qualquer atuação e os entrevistados não souberam dizer o nome do seu presidente. Não existe defesa coletiva de interesses, como demonstra a passividade diante da remoção. Se estigma e limite estão presentes, não há, porém, confinamento espacial e encapsulamento institucional que caracterizaram o gueto norte-americano. Difícil também pensar na idéia do “hipergueto” tal como suscitada por Wacquant (2004). Além da ausência de segregação racial e de imposição estatal do confinamento, não são populações pobres que perderam o sentido comunitário devido à superação do fordismo, à retração da economia de mercado e ao retraimento do Estado de Bem-Estar Social, como o autor caracteriza o “hipergueto”, onde teria sido esgarçada a capacidade de organização comunal em defesa dos seus interesses dos moradores. Goiânia, conforme dito, urbanizou-se sem industrialização e é à lógica do capital imobiliário que se deve a concentração da população pobre nesses bolsões de miséria. Por outro lado, há semelhanças, como a dificuldade de encontrar um trabalho digno e a repressão policial que atemoriza os habitantes desse espaço social. A Vila Coronel Cosme pode ser considerada uma favela, à semelhança das favelas do Rio de Janeiro, e é assim que os de fora a vêem. Entretanto, os

próprios moradores não acionam a noção de comunidade para contrapô-la à favela, como fazem os cariocas.

Na Vila Coronel Cosme o único momento de organização coletiva foi na ocupação do local. Depois, seus moradores não conseguiram manter a união original e com a expansão das ocupações ilegais na área, com o estigma imposto pelos moradores dos bairros vizinhos e a repressão violenta da polícia, iniciou-se a diferenciação interna e a impossibilidade de ação coletiva.

6. A remoção dos moradores da Vila Coronel Cosme

Em Goiânia não se utiliza o termo favela para designar os “territórios da pobreza” (Machado da Silva, 2008) e sim, genericamente, periferias ou invasões, quando se tratam de ocupações ilegais. As autoridades em Goiânia não admitem a existência de favelas na cidade. Técnicos da Secretaria de Planejamento Municipal afirmam que o conceito de favela está associado a habitações localizadas em morros, como no Rio de Janeiro e, como Goiânia é uma cidade plana, não se poderia utilizar o mesmo conceito. Essa interpretação, geomorfológica, conduz a dois resultados. Primeiro, as autoridades se vangloriam da ausência de favelas na cidade, como se não se registrassem aqui os “territórios de pobreza”. Segundo, há uma atividade permanente de remoção das ocupações ilegais.

Além disso, as políticas de remoção constantes em Goiânia não permitem que a “marca cultural dos pobres” (Carvalho, 2009) seja forte nesta cidade. Do ponto de vista da pesquisa, traz a vantagem de se evitar o essencialismo no trato do tema, transplantando equivocadamente os dogmas dos estudos sobre favelas realizados no Rio de Janeiro, conforme constatou Valladares, 2005.

A Prefeitura de Goiana registrou em 2009 141 áreas de posse na cidade. Nessas ocupações, localizadas em áreas de fundo de vale, beira de córregos, vias e áreas públicas, as habitações são precárias. Dessas ocupações ilegais, 39 são consideradas áreas de risco, sujeitas a alagamentos e desmoronamentos na época das chuvas e estão sendo removidas.

Há, historicamente, uma política vigorosa de remoção das ocupações ilegais na cidade de Goiânia. Essa política de remoção contribuiu para a criação de um bolsão de pobreza em periferias cada vez mais distantes do centro, especialmente na região noroeste da cidade, escolhida pelo poder público para a instalação de conjuntos habitacionais destinados aos pobres. Se há uma dualidade hierarquizante em Goiânia ela é ainda a dualidade centro-periferia, ainda que haja hoje uma tendência à desconcentração e à polinucleação (Gottidiener, 1993), com a expansão de condomínios horizontais fechados e de outros investimentos capitalistas privados, forçando também o poder público a investir nas diversas periferias da cidade. Mas, em alguns aspectos, a realidade de Goiânia aproxima-se daquela de São Paulo, descrita por Caldeira (2000), e de várias outras cidades do Brasil no que toca à formação de amplas periferias habitadas pelas camadas pobres da população, separadas pelos espaços segregados voluntariamente pelos ricos e pela classe média. E em alguns lugares, ainda centrais persistem, provavelmente por pouco tempo ainda, ocupações ilegais, como é o caso da Vila Coronel Cosme, incrustadas em bairros planejados.

A remoção da Vila Coronel Cosme obedece a dois propósitos declarados pelo poder público municipal. O primeiro é o de retirar as famílias que sofrem constantes ameaças das enchentes. Em dezenove de julho deste ano iniciou-se a remoção de 200 famílias, que haviam sido cadastrados já há algum tempo, com residência permanente em Goiânia há mais de três anos e renda menor ou igual a três salários mínimos e que estavam vulneráveis aos transbordamentos do Rio Meia Ponte. O planejamento municipal previa que, em trinta dias, removeria 200 famílias, numa proporção de seis famílias por dia. A transferência está sendo feita para o Residencial Buena Vista, conjunto habitacional edificado com recursos do PAC, com 1.396 moradias, localizado na saída para Rio Verde, Região Oeste, na BR-060, sentido oposto ao da Região Leste de Goiânia e situado a 20 km do centro da cidade. De acordo com a Prefeitura de Goiânia, o novo bairro conta com posto de saúde, escola e Centro Municipal de Educação Infantil (Cmei). Além da Vila Coronel Cosme, três outras favelas de Goiânia foram removidas para lá.



Figura 5 Residencial Buena Vista

Mas as enchentes não são o motivo principal da remoção. Em outubro de 2009, a Comissão de Defesa Civil da Agência da Guarda Municipal de Goiânia³ classificou o local como de baixo risco. O principal propósito da remoção, admitido pela Prefeitura de Goiânia, que atinge os moradores instalados muito próximos à linha da estrada de ferro, é que por ali passará a Avenida Leste-Oeste, um corredor de tráfego rápido, iniciada em 2002 e que corta a cidade de ponta a ponta, visando desafogar o trânsito do centro da cidade e fazer a ligação centro-bairros. Enquanto a remoção é feita, vários empreendimentos imobiliários estão se instalando ao lado das casas derrubadas.

³ http://guardamunicipalgoiania.blogspot.com/2009_10_01_archive.html, acessado em junho 2010.



Figura 6 - Edifícios residenciais e condomínios horizontais ao lado dos escombros da "Vilinha" e nas margens do Rio Meia Ponte.

A angústia dos moradores deve-se ao fato de que nenhum órgão público lhes oferece qualquer informação sobre o futuro. Há entre eles a forte suposição de que todos serão removidos, pois agentes municipais foram às suas casas, mesmo àquelas que não estão localizadas na área de risco e nem estão no traçado da avenida, perguntaram quantas pessoas moram ali e há quanto tempo. Supõem que a remoção será feita pelo Poder Público Federal, pois acreditam que estão em terreno que pertencia à extinta Rede Ferroviária Federal, que encampou, no passado, a Ferrovia Goiás. Ocorre que o trecho da linha férrea foi comprado pelo Estado de Goiás à Rede Ferroviária Federal nos anos de 1980, quando da sua liquidação.

Logo ao lado da Vila Coronel Cosme, onde foram feitas as remoções, e também próximo ao Rio Meia-Ponte, estão sendo construídos um condomínio horizontal e um outro vertical, o que indica que a região passa por um processo de gentrificação. O boato que corre entre os moradores é que toda a vila será desapropriada para dar lugar aos condomínios, que pertenceriam da dupla sertaneja Bruno e Marrone. Assim, eles suspeitam que a remoção, que começou na área de risco, terá seqüência para a construção da avenida, e

culminará com a extinção do bairro para dar lugar a novos investimentos imobiliários.

A falta de informações aumenta a insegurança:

Eu não sei se vou removida, eles não falam nada. Eu não iria. Eu moro de aluguel, mas se eu ganhasse uma casa lá eu não iria, porque lá juntou quatro favelas, diz que lá é briga dia e noite. Desativaram quatro favelas das áreas de risco e jogou tudo lá. Juntou todo mundo num lugar só. Tem gente que fala que lá é muito perigoso. Se aqui já era perigoso, imagina quatro favelas juntas. (Kátia, Vila Coronel Cosme)

Se, em outros momentos da entrevista, Kátia negou a violência no seu bairro e disse que não havia perigo porque conhecia todos os moradores, ao se referir ao Buena Vista, o representa como um bairro formado por quatro favelas, inclusive a sua própria, o que só poderá significar perigo. Tanto para o poder público, como para os próprios moradores, a negação da existência da favela é a sua existência mesma enquanto representação.

Arnaldo também não quer ser removido, pois trabalha no Bairro Feliz, mas confrontado com a possibilidade de remoção, modifica a representação da Vila Coronel Cosme:

Nunca fomos comunicados. Só pegaram os nomes e o numero de pessoas e não falaram nada. Concordo com a remoção, mas eu não vou para longe, vou alugar algum lugar aqui perto, no Setor Moraes ou na Vila Nova. Eu trabalho aqui. Minha mãe não vê a hora de sair daqui. Ela não gosta de morar aqui. Tem conhecidos na vizinhança, mas não sai de casa. Aqui esse lugar é feio demais, já viu como é feio? Dizem que lá é bonitinho. Pra muita gente vai ser ruim, por causa dos ônibus. [...] Lá não tem esses problemas de drogas, não tem mais esse povo assim por ser um lugar longe e pela presença da policia, pelo acesso da polícia para a polícia entrar para todo lado. Tudo no seu devido lugar.

Bourdieu (1999) afirma que “o bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que o habitam, e que, em troca o degradam simbolicamente, porquanto estando privados de todos os trunfos necessários para participar dos diferentes jogos sociais, eles não têm em comum senão sua comum excomunhão.” (p.166). A comparação com um bairro planejado, ainda que distante, faz Arnaldo perceber o contraste e mudar sua avaliação da Vila Coronel Cosme, ainda que ele não queira se afastar dali por causa do trabalho.

O que poderia parecer ambigüidade no discurso expressa, na verdade, a fragmentação da vida cotidiana. O Estado, atuando por procuração do capital imobiliário, fornece o modelo cognitivo para a violência simbólica e o bairro, antes concebido como bom de morar, a despeito da pobreza e da segregação, agora é feio, e suas ruas tortuosas impossibilitam a entrada da polícia para coibir o tráfico. Melhor o bairro planejado, onde as forças da lei podem conter a violência.

7. O tráfico na Vila Coronel Cosme.

Os moradores consideram que hoje o problema não são os traficantes, pois restaram poucos, e sim os viciados que perambulam pelas ruas do bairro e são espancados pela polícia. Arnaldo relata que dos seus amigos da adolescência, apenas quatro não se viciaram. Os demais morreram, estão presos, ou estão doentes: “só a capa do Batman, de tão magros”. Ele minimiza a importância do tráfico hoje, ao compará-lo com o das quadrilhas de quinze anos atrás:

Hoje não, eles têm ponto de droga tem uma boca de, hoje não é de fumo mais não..., é de pedra. Só que acabou, saiu todo mundo se tiver é dois, três que vende esses trem. O pessoal daqui não usa, eles vendem, é o pessoal de fora que vem comprar, é cada carro que passa aqui... vêm do centro, lá para cima”.

Kátia confirma:

O bairro é bom e não é, porque tem molequinhos na periferia que mexe com droga, o que torna o bairro perigoso. Ficou mais perigoso depois que tiraram as casas daqui (a casa dela fica perto de onde foi feita a remoção) porque os povo conhecidos foram embora. Veio gente estranha pra cá. É o povo que mexe com droga, Ficam andando na rua, atrás de comprar, dormem debaixo das árvores. Quando tinha os daqui a gente tinha mais segurança do que depois que tirou. [...] Acabar não acabou não, mas deu uma acalmada. O tráfico é mais com criança. Tem menino aqui que eu já vi no centro, mas não é daqui. Cê quase não vê uma pessoa de maior, é mais criança mesmo.

De fato, reportagens de um canal de televisão local, mostraram que, logo seguida à remoção, as casas que restaram em pé foram ocupadas por usuários de drogas vindos de toda a cidade, para comprar e usar. Fizeram das casas em ruínas “mocós”, contribuindo para ampliar a imagem deteriorada do

bairro. A Polícia Militar fez em seguida uma operação de derrubada total das casas da “Vilinha”.

Essa aparente ambigüidade presente no discurso dos moradores ao comparar o tráfico do passado com o atual pode ser uma estratégia para se defenderem do estigma e reforçarem os códigos de lealdade na vizinhança. Entretanto, deve-se também ao fato de que o tráfico do passado era de maconha e de merla, mais territorializado pelas gangues que se rivalizavam. Hoje é o crack, cuja característica é o tráfico formiguinha, pulverizado e pouco organizado, com a distribuição feita pelos próprios usuários.

8. A relação com a Polícia: corrupção e violência contra os pobres.

Se os moradores dos demais bairros pesquisados reclamam da ausência de policiamento permanente, os da Vila Coronel Cosme temem a Polícia, como nas demais áreas pobres da cidade. Arnaldo constata que a polícia trata todos os moradores como malandros e roubam deles:

Eles mesmos me roubaram. Eu tinha recebido naquele dia. O policial perguntou: o que você quer com esse tanto de dinheiro. Falei que tinha recebido hoje. Ele pegou meu dinheiro e falou: “to vendo na sua cara, rapaz, Cê vai comprar droga. Vou dar leite pros meus filhos”.

Além da corrupção policial, a violência com que tratam os moradores é denunciada por Arnaldo:

Eu só tenho medo da Polícia, porque só fui vítima até hoje da Polícia. Por eu conhecer todo mundo, e quem eu não conheço, o pessoal que vem buscar drogas aqui, eles não fazem mal a ninguém, estão fazendo mal a eles mesmos, porque já estão tudo louco que fazem mal para eles mesmos.

Kátia também tem uma avaliação negativa da atuação da polícia no local: “Eu não confio, eles só pegam viciadinho em droga e bate muito. E eles só são viciado e tem que pegar é quem vende. Já vi isso acontecer, eles não tem dó de bater”.

Vários moradores se referiram às mortes de traficantes e de usuários pela polícia, confirmando os depoimentos acima.

9. O novo local de moradia: não é Bairro Feliz, mas é Buena a Vista

O residencial Buena Vista, para aonde foram levados os removidos da Vila Coronel Cosme é considerado Área Especial de Interesse Social III, conforme o Plano Diretor de Goiânia de 2007. Embora as AEIS objetivem a promoção de moradia à população de baixa renda, elas acabam por não promover a inclusão urbana, na medida que, em Goiânia, elas se localizam nas periferias distantes da região central da cidade.

O Residencial Buena Vista foi construído no âmbito do PPI Favelas (Projeto Piloto de Investimento). O Programa, cujos recursos advêm do Orçamento Geral da União, está inserido no PAC e sua gestão é feita Ministério das Cidades. De acordo com o site da Caixa Econômica Federal, que contrata as operações, o programa “visa à implantação de ações necessárias à regularização fundiária, salubridade e habitabilidade de população localizada em área inadequada à moradia, para a sua permanência ou realocação, por intermédio da execução de ações integradas de habitação, saneamento e inclusão social”⁴. Em Goiânia os projetos do PPI Favelas centraram-se na remoção de habitações ilegais, principalmente em regiões que são alvo da especulação imobiliária, como foi o caso da Vila Coronel Cosme.



Residencial Buena Vista Foto: Gilson Alves – Portal da Prefeitura de Goiânia. Acessado em 11/02/2011.

⁴http://www1.caixa.gov.br/gov/gov_social/municipal/assistencia_tecnica/produtos/repasses/intervencoes_favelas/index.asp. Acessado em 22/11/2011.

O poder público, entretanto, mesmo nas Áreas Especiais de Interesse Social, continua a beneficiar o capital imobiliário. À medida em que ia abrindo as ruas, construindo as casas e dotando o local de alguns equipamentos públicos (até aqui, CMEI, Posto de Saúde e escola de ensino fundamental), os loteamentos privados foram também promovidos concomitantemente ao investimento público. Assim é que vários anúncios são publicados na internet, como este:

Goiania ganhou um novo e exelente bairro, o Residencial Buena Vista conta com agua tratada, galerias pluviais, energia, asfalto com meio-fio, ja esta sendo implantado um grandioso colegio estadual, uma creche (cemei), um cais completissimo, ja esta sendo construido 1.396 casas em parceria com os governos federal, estadual e municipal, um grandioso terminal de transporte coletivo que irá atender toda região, terá tambem um grandioso parque municipal com lago que esta sendo todo estruturado, acesso fácil e o melhor; financiamento direto pela imobiliaria, facilitadissimo! Entrada a partir de 1.761,00, sendo: 705,00 a vista e mais 03 pagamentos de: 307,00 e você so começa a pagar as prestações de 253,00 apartir de 30 disa de concluido o pagamento da entrada, compre comigo e ganhe um brinde! Helton.⁵

A pesquisa acompanhou os moradores removidos após a sua instalação no novo bairro planejado, na etapa II do Residencial Buena Vista, e pôde perceber o seu cotidiano no novo espaço. As entrevistas revelaram as dificuldades de locomoção, a insegurança na manutenção dos empregos que tinham quando moravam na região central. As mulheres foram as mais prejudicadas na relação de emprego. Todas as entrevistadas, cujas ocupações eram de diaristas, empregadas domésticas, auxiliares de serviços gerais, feirantes, tiveram que deixar os empregos, pois a distância e a dificuldade de transporte impedia a continuidade das obrigações no tempo necessário. E não há no novo bairro empregos que possam substituir os antigos. Já os homens que continuaram nos seus empregos ou trabalhos autônomos anteriores alegaram fortes prejuízos no que se refere ao custo de transporte, além do tempo maior despendido no trajeto. Há, porém, muito otimismo nos discursos. Consideram que há um preço a ser pago pelo futuro que consideram promissor.

⁵ <http://goiania.olx.com.br/residencial-buena-vista-cf-9-190-iid-103195495>. Acessado em 14/06/2010.

Não há conflitos entre os moradores, pois as casas foram alocadas de forma a preservar a proximidade dos membros das famílias extensas e das vizinhanças do bairro anterior. Há ruas com várias casas contíguas habitadas por uma mesma família, já que as casas do novo bairro são compostas de dois quartos, um banheiro e cozinha, enquanto que na Vila Coronel Cosme, o tamanho das casas guardava as características de áreas de ocupação ilegal. Um membro da família iniciava a ocupação e depois outros parentes iam se agregando no mesmo lote ou ocupando lotes contíguos. Assim, as casas, ainda que precárias eram bem maiores.

A idéia de que o bairro está em construção, de que vai melhorar, de que novos equipamentos sociais serão construídos está presente em todas as entrevistas. E mais, os entrevistados, ao compararem a nova situação de moradia com a anterior, apontam duas vantagens, comparação acionada pelo estigma do bairro onde moravam antes. Primeiro, a de se afastarem da área “que a Prefeitura dizia ser de risco”. É assim mesmo que eles se referem a ela, pois sabem que na verdade ali não era área de risco, mas que a classificação contribuía para aumentar a sua vulnerabilidade social. Segundo, afastarem-se do local de tráfico e de bandidagem. Afirmam que no Residencial Buena Vista não há isso, que é tudo muito tranquilo. O ganho maior percebido foi justamente esse, deixarem de ser estigmatizados por morarem em um bairro onde havia muita criminalidade. Interessante é que reservam essa tranquilidade para a sua própria vizinhança, pois mencionam que na etapa IV do Residencial Buena Vista, para onde foram removidos os moradores da “favela do trilho”, da Vila Viana, o tráfico corre solto e é como se os favelados tivessem trazido consigo a violência.

9. Considerações Finais

A pesquisa permitiu perceber a segmentação, a diferenciação social entre os moradores da região e a segregação dos moradores da Vila Coronel Cosme, além da estigmatização do bairro ilegal. Permitiu também perceber a ação do poder público, articulado com os interesses do mercado imobiliário, no sentido de extirpar a área pobre, deslocando os seus

moradores para além da área urbanizada da cidade e contribuindo para a extensão das áreas periféricas.

Constatou também que o estigma de grupo existe, porém os moradores do bairro estigmatizado desenvolvem códigos de confiança e de solidariedade e recorrem à temporalidade e à espacialidade e para lidar com o estigma. Essas estratégias - aliadas ao fato de que os traficantes locais dispõem de um poder menor do que aquele dos comandos do Rio de Janeiro - permitiram aos moradores evitar a sua submissão a eles. Se há na representação da violência urbana uma sociabilidade violenta, tal como teorizado por Machado da Silva (2004a; 2004b; 2008), seus portadores não são os criminosos ligados ao tráfico e sim os agentes policiais que subordinam os moradores em nome da força legítima e os submetem pela força ilegítima.

Outro ponto a ser ressaltado é a reiteração da forma de segregação presente em Goiânia, a dualidade hierarquizante centro-periferia, com a concentração dos pobres em amplas áreas distantes do centro urbano da cidade, para além da sua área urbanizada.

6. Referências Bibliográficas

BATISTA, Elizabeth dos Santos Moura. A Vila Coronel Cosme na Ótica dos seus Idosos. Goiânia: Fragmentos de Cultura, Ed. UCG, v. 17, n. 7/8, p. 709-726, jul./ago. 2007.

BERNARDES, Genilda D. *Goiânia, cidade planejada/cidade vivida: discurso e cultura da modernidade*. Tese de doutorado em Sociologia. Brasília: Departamento de Sociologia da UNB, 1998.

BOURDIEU, Pierre, **A Distinção – crítica social do julgamento** Porto Alegre, Edusp/Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In: BOURDIEU, P. (Org.) **A miséria do mundo**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In: **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papyrus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp/editora 34, 2000

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Sobre a remoção das favelas. **Boletim CEDES** [on-line], Rio de Janeiro, março/abril de 2009, pp. 03-05. Disponível em: <http://cedes.iuperj.br>. Acessado em maio 2009.

CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1997.

INTERVENÇÕES EM FAVELAS.

http://www1.caixa.gov.br/gov/gov_social/municipal/assistencia_tecnica/produtos/repasses/intervencoes_favelas/

LAGO, Luciana Corrêa do e RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. A divisão favela-bairro no espaço social do Rio de Janeiro in: **Cadernos Metrôpole** no. 5. São Paulo: EDUC – Editora da PUC-SP, 2001.

LEFÈBVRE, H. The production of space. Oxford, OX, UK ; Cambridge, Mass., USA: Blackwell, 1991.

MACHADO DA SILVA, Luis Antônio. Sociabilidade Violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil Urbano. **Sociedade e Estado**, Brasília, v.19, n.1, p.53-84, jan/jun. 2004b.

MACHADO DA SILVA, Luis Antônio. Sociabilidade violenta: Uma dificuldade a mais para a ação Coletiva nas Favelas. In: MACHADO DA SILVA, Luis Antonio. **Rio a democracia vista de baixo**. Rio de Janeiro: IBASE, 2004a.

MACHADO da Silva, Luiz Antonio (org.) **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. RJ: Nova Fronteira, 2008.

MOYSÉS, Aristides. *Goiânia: metrópole não planejada*. Goiânia: Editora da UCG, 2004.

PARK, E. Robert. The City: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the City Environment. **The American Journal of Sociology**, Vol. 20, No. 5 (Mar., 1915), 577-612.

PASTORE, Everaldo A. *Renda fundiária e parcelamento do solo: Goiânia (1933-1983)*. Dissertação de mestrado em Planejamento Urbano. Brasília: Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UNB, 1984.

PLANO DIRETOR DE GOIÂNIA. Lei Complementar nº. 171 de 29 de maio de 2007. Diário oficial do Município de Goiânia nº 4.147, de 26 de junho de 2007.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. Segregação residencial e segmentação social: o “efeito vizinhança” na reprodução da pobreza nas metrópoles brasileiras. **CADERNOS METRÓPOLE**, N. 13, pp. 47-70, 1º sem. 2005.

VALLADARES, Lícia. *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

WACQUANT, Loïc. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista de Sociologia e Política**. Rev. Sociol. Polit. No. 23 Curitiba Nov. 2004.